

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *

SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *

ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)
Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

A nossa causa

Dissemos em um dos numeros passados que *A Fraternidade* vae trabalhar pelo triumpho da causa que defende. E vae.

Iniciamos os nossos trabalhos com a publicação das *cartas abertas* ao sr. presidente do conselho de ministros e ministro do reino e, opportunamente, logo que estejam formadas e abertas as duas casas de parlamento, nós vamos tornar effectivos os trabalhos que trazemos entre mãos e cujo programma está em elaboração.

A nossa força de vontade, que é grande, inconfundível, continua firme e é alimentada pela esperança que também conservamos intacta, de que pelo muito trabalhar, alcançaremos, todos, a palma da victoria, carregada dos maiores beneficios para os que moirejam.

Mas é preciso fazer lembrar a este governo que conservamos guardadas, como reliquias, as promessas que nos fez e as declarações que fez aos que na penultima situação governamental representavam o povo.

E esta missão impõe-se, por dever e por obrigação a todos os caixeiros.

Não somos nós, simplesmente nós, que podemos ir perante o governo a reclamar o que nos pertence. A classe deve acompanhar-nos, a nós e a todos os que por ella se sacrificam ainda hoje, depois de termos assistido a tantas ingratiões. Só um amor louco e uma cegueira de vontade, pôde ainda conservar-nos de pé firme ao lado da classe.

Só esquecendo tudo o que temos presenciado, é que um punhado de dedicados á causa se conserva animado a exigir do governo a lei do descanso dominical.

E feita a declaração de que nos achamos animados a trabalhar pela classe, procurando por todos os meios auxiliar-a na conquista da justa regalia por que aspira, devemos dizer á classe inteira:

Que para a causa triumphar, é preciso que a classe cumpra o seu dever, retomando uma lucta rasgada, cheia de audacia e de brio.

Haja energia, porque agora que os homens que mais comprometidos estão com a nossa classe voltaram a occupar as cadeiras da administração publica, é preciso fazer-lhes sentir o nosso desespero e mostrar-lhe que tentamos, a todo o custo e por todos os meios, haver uma regalia que ninguem nos pôde negar.

E' isto o que necessario se torna frisar bem ao chefe do ministerio. Não julgue elle que o calor de hontem se tornou em frio intenso. Não.

Se temos vida e se temos orgulho em sermos uma classe illustrada, é preciso que o governo saiba que mantemos inquebrantaveis e seguros os nossos desejos de hontem, que não são mais que uma justiça e que um direito inconfundível das classes trabalhadoras.

Cumpra a classe dos caixeiros o seu dever, afirmando a sua vida e a sua dignidade n'esta lucta, que deve ser de gigantes, que ha-de fatalmente conquistar um grande principio doutrinario social:—o descanso dominical estabelecido por lei.

—Diga-me, papá: porque foi que Jesus quando resuscitou, appareceu primeiro ás mulheres que aos homens?

—E' porque desejava que a noticia se espalhasse mais depressa.

«A FRATERNIDADE» SEMANAL

Alguns dos nossos amigos mais sinceros e mais dedicados ao nosso jornal, tem-se-nos dirigido por diversas vezes manifestando desejos de que «A Fraternidade» passe a publicação semanal. E, ao mesmo tempo que esse desejo manifestam, dirigem-nos palavras de grande incitamento, declarando-se abertamente ao nosso lado e prometendo auxiliar-nos em tudo quanto esteja ao seu alcance.

Todos estes incitamentos e promessas, calam profundamente em nosso espirito e dão-nos a convicção de que o nosso jornal, pela sua orientação e pela sua lealdade á causa que defende, tem sabido conquistar, a par e passo, a sympathia da classe e o apoio leal e desinteressado dos nossos queridos correspondentes e assignantes.

Embora sejamos dos mais humildes jornalistas da classe, o que é certo é que, entre todos elles, não ha nenhum com mais vontade nem com maior dedicação, entusiasmo e fé, na propaganda e no triumpho de tantos esforços, pela completa conquista dos nossos direitos.

Pôde faltar-nos a competencia para estarmos á frente de um jornal, mas a vontade, a fé e o entusiasmo nunca nos falhou nem falhará.

A nossa vontade e a nossa fé tem raizes que profundaram bem:—o nosso amor pela classe tem sempre dobrado de intensidade—porque, se assim não fosse, ha muito tempo que «A Fraternidade» deixaria de existir,—taes são os desgostos, os trabalhos que a sua vida nos tem acarretado! Mas a vontade impera e a energia d'outra conservamol-a ainda...

Só quem carrega com as responsabilidades de um jornal, é que sabe o que elle custa!

Desviamos-nos um pouco do fim que tinha este artigo, mas vamos retomar-lh'o.

Os incitamentos que nos hão dirigido, penhoram-nos em extremo e animam-nos a mettermos hombros ao sacrificio de que «A Fraternidade» começa a publicar-se semanalmente. Porém o sacrificio será enorme.

O arrojado será demasiado além das forças pecuniarias de que dispomos! As nossas algibeiras são pobres e, por isso, não podem sustentar tamanho encargo,

apesar de que a nossa vontade é grande. Só com um augmento consideravel de assignaturas certas poderemos arcar com esse pesadissimo encargo. E, além d'isso, o preço da assignatura, por semestre, teria de ser augmentado a 500 reis, pelo menos! E estarão d'accordo com este augmento os nossos assignantes? Estará a classe disposta a auxiliar-nos?—Não sabemos.

Simplemente sabemos que é pesadissimo encargo o mettermos hombro a esse grande sacrificio.

Quando o assignante, que recebe 12 e 24 numeros d'«A Fraternidade» não satisfaz a importancia do recibo que lhe é apresentado, como é que esse pagará importancia mais elevada?

Nós temos muito quem nos caloteia! Nunca o temos dito, mas hoje dizemol-o, porque é preciso!

Muitos senhores calotearam-nos já por tres vezes! E, apesar d'isso, nós continuamos a mandar-lhes o jornal com a esperança de que um dia reconsiderarão o quanto nos sacrificam!...

Temos a melhor vontade de augmentarmos formato d'esta folha, tornando-a ao mesmo tempo semanal, mas para isso é-nos indispensavel o auxilio dos nossos amigos, angariando-nos assignaturas novas, *mas certas*. E desde já prevenimos todos de que, passando «A Fraternidade» a publicação semanal—o custo da assignatura será de 15000 reis annuaes. Estarão todos de accordo?—Confirmaoloha o tempo.

Congresso de medicina

No dia 21 d'este mez, o nosso director enviou ao presidente do Congresso de Medicina, reunindo em Lisboa, o telegramma que segue:

«Ex.º Presidente Congresso Medicina—Lisboa.

A *Fraternidade*, jornal de caixeiros, saudá congressistas e pede seja reclamada do governo a lei do repouso semanal, em beneficio da saúde dos que trabalham.—João Sousa, director».

CARTA DO PORTO

Estava estranhando de véras a demora de «A Fraternidade» — felizmente chegou.

Como a demora foi motivada por um cataclysmo de originaes, no qual pereceu tambem a minha cartinha, compartilho do grande desgosto por que passou a redacção; no entanto, o numero recebido satisfiz-me por completo.

As justas e merecidas referencias que dirige a Annibal Martins, amigo verdadeiro da classe e sem passado duvidoso, antes pelo contrario muito honesto e digno, devem merecer a approvação de todos os amigos sinceros do bem estar collectivo.

Como secretario da União foi infatigavel no seu cargo, como congressista não foi uma figura decorativa do congresso mas sim um trabalhador incansavel que tem o brio e a dignidade precisa para desempenhar os mandatos que lhe confiaram fazendo cumprir e acatar as resoluções tomadas, mantendo assim a disciplina associativa.

Eleito para as commissões de paz e descanso dominical tem cumprido o seu dever, actualmente é delegado da União á Grande Commissão das Associações Commerciaes e está trabalhando activamente na confecção do relatório que por estes dias vae ser presente a tão importante commissão.

—A outro assumpto se refere «A Fraternidade»: é a não publicação de escriptos offensivos a qualquer individualidade. Faz muito bem; eu se fosse dono ou director d'um jornal ia mais longe: supprimia a graxa, o verniz e a manteiga que se costuma dar a todo o bicho carêta que se ornamenta, sem nada ter feito, com o pomposo título de paladino.

Não consentia collaboração anonyma nem com pseudonymos; no entanto esta ainda é admissivel em casos excepcionaes; cria duas secções, tribuna dos opprimidos e secção litteraria collaborada por caixeiros; quem procurasse estas secções teria occasião apenas de apreciar a boa vontade de obscuros luctadores ou de pretensos litteratos.

A respeito de politica a unica accetavel é a que trata dos interesses geraes ou particulares da classe e dos grandes problemas nacionaes.

Fazia isto e o que a experiencia e os sinceros e leaes amigos apresentassem como bom; de resto deixaria palrar os criticos cheios de rethorica balofa e proseguia no meu caminho.

Os jornaes devem antes orientar e não serem orientad. s.

—O mesmo numero refere-se a trabalhos sobre o descanso dominical. Os unicos trabalhos que a imprensa da classe deve exigir, são os que foram delineados no 2.º congresso e estão confiados ás seguintes commissões:

No Porto: Annibal Martins, José Candido Dias, Antonio Augusto Cardoso, José Dias Leite Junior e Antonio Ferreira Ribeiro.

Em Lisboa: Julio Silva, Sá

Pereira, Julio Martins, Antunes Vaz, Luiz Bellas e Armindo Calado.

A' imprensa da classe cumpre o dever de estimular, a tempo e horas, estas commissões, auxiliar os seus trabalhos e fazer-lhes conhecer a responsabilidade que assumiram. A' commissão de Lisboa, sobretudo, é que compete atacar, sempre que seja opportuno, o governo porque está mais perto d'elle e se o não fizer a imprensa da classe tem o dever de lhe dizer verdades amargas; amigos amiguinhos, mas negocios á parte. A penna na mão d'um homem justo tanto faz justiça aos amigos como aos adversarios e d'essa maneira eleva-se no conceito de todos.

—Num boletim d'uma Associação Commercial escreveram que o encerramento se devia levar a effeito por livre accordo e alvedrio dos interessados e nunca pela imposição d'uma lei que em tal caso, embora disfarçadamente, iria attentar contra a liberdade do exercicio da industria!

Perguntei á Inglaterra, grande pelo seu commercio e pela sua industria, admirada pelo grande culto que presta á liberdade e que faz observar rigorosamente lei do descanso dominical, se attentava contra o livre exercicio da industria.

A Inglaterra respondeu, que todas as industrias eram livres menos a industria de attentar contra a liberdade e os direitos dos empregados cujos direitos estão ao abrigo da lei contra o livre alvedrio dos interessados.

Fiquei então sabendo que no meu paiz, onde a revolução de 1820 terminou com a «liberdade», que os inquisidores tinham de queimar os herejes, alguém pensa que as leis são boas quando protegem os empregados!

A lei não deve, nem de leve, maguar a liberdade do meu patrão, mas o meu patrão pôde, se quizer, attentar contra a minha liberdade recusando-me o direito ao descanso, porque n'estes casos, a intervenção da lei, é uma imposição, uma violencia, uma infamia identica á que no Brasil, segundo dizem os negreiros, aboliu da escravatura!

Safat que leil!

24—4—1906.

Baptista Junior.

Braga, 25

Insufficiëntissimo, como sou, para desempenhar o cargo que acabam de conferir-me de correspondente d'este mui bem redigido jornal, cumpre-me, em especial, agradecer ao meu bom amigo Adelino Gomes de Souza o ter-se lembrado da minha humilde pessoa, para o substituir n'esta ardua tarefa que elle tão proficientemente desempenhava. Eguamente agradeço tambem ao illustrado director d'este jornal a gentileza de aceitar-me, e das palavras elogiosas e imerecidas com que me distingue no ultimo numero d'este jornal.

Eu sou um novo, e como tal,

desnecessario será dizel-o, não abundam em mim fundos conhecimentos para poder dar o desenvolvimento, o brilho e a orientação que requer uma correspondencia, que precisa, em primeiro que tudo, acompanhar todas as evoluções da classe.

Nunca escrevi para um jornal, é a primeira vez que o faço. Por isso, peço me relevem qualquer falta involuntaria que possa commetter.

Ajudado com uma vontade de ferro, com este crêr que em nós impera aos vinte annos, quando sentimos em nossas veias correr um sangue novo, ardente, que nos encoraja para os grandes acomettimentos, d'olhos fitos no ideal, no bello, eu ponho, incondicionalmente, ao despôr d'este jornal, que tão devotadamente e com uma tenacidade inconfundivel, tem defendido os interesses da classe, todos os meus esforços para o seu desenvolvimento e propaganda n'esta cidade.

Sou um novo, dizia eu. Sim, um novo, mas com uma crença velha, crença que senti nascer em mim no primeiro dia que me encurralaram d'entro d'um balcão. Porque foi n'esse mesmo dia que eu comprehendí a necessidade absoluta e imprescindivel que temos de possuir um dia de descanso e liberdade em cada seis que temos d'um trabalho aturado e fatigante para as nossas forças phisicas e para o nosso espirito esmagado de baixo d'uma pressão estúpida.

Sou uma crente, confesso-o, porque ainda não soffri dos enganoses e as desillusões que nos dão a longa caminhada, durante este peregrinar da vida. E oxalá eu possa sempre affirmar-o e pensar assim, porque creio bem seria um feliz. E com esta crença de que me sinto possuido eu espero ainda, um dia, que um ministro de alma generosa e de coração puro, referende um decreto com força de lei, que nos garanta aquillo que ha tanto tempo vimos reclamando com tanta justiça e com tanto direito.

Veté.

SOUVENIR!...

A' ex.^{ma} sr.^a D. Maria José de Castro Vianna.

Era em agosto!

E' este axiomaticamente, o mez que mais agradável se torna, o que mais risonho e sublime se apresenta e o que d'entre todos apparece, revestido de mais encantadoras illusões!

E' este o que, oh! musa inspiradora, me trazes sempre gravado na memoria... é este o que mais sandade me resta!...

Oh! se bem me lembra!

O céu d'um azul claro, limpo e rutilante, nublado por magestosas nuvens que, serenas e deleitadas se conservam á mercê dos ventos, que mui appetitosamente as apaziguava não as deixando convergir, fazia prever, que em breve se desencadearia sobre nós um tempo sorridentissimo... um cyclo olympico e pulchro... um mar de felicidades inauditas!...

A amenidade d'aquelles abo-

chornados dias de verão que já por mim perpassaram, me traziam immerso n'um jardim de patheticas esperanças... de vividas e calorosas demonstrações de immenso jubilo!...

Mas... com uma sagacidade indescriptivel em meu pobre e definhado espirito fervia, um—ideal—que quasi me trazia captivo de uma convulsão acerba e lacrimosal

Esse—ideal—que aqui vol-o não traduzo, era forç do a cumprir-o! E foi precisamente então, n'esse dia—15 d'Agosto—que, juntamente com a rapaziada amiga e companheiros do mesmo—ideal—parti... parti, para essa encantadora e irrefragavel *princeza do Lima!*...

Oh! que viagem amena e doce... que ledice reinava então em mim!

O chlirear da passarada alegre e risonha que, n'um echo de entusiasta ovação enotavam hymnos que magnitizariam os proprios — *Mozart, Rossini, ou Marchetti*... o sibilar das arvores irrequietas que brandamente zuniam com o perpassar suave da brisa que, ora se mostrava alegre como a andorinha, ora enraivecida como o leão... as nymphas crystallinas e tepidas que, de catadupa em catadupa, saltitavam pela corrente caudalosa e chammejante... as paragens appetitosas da diligencia, n'aquelles sitios tão salubres e pittorescos... tudo enfim, oh! recordações saudosas de tão bellos dias que n'um apice se esvahiram!

Mal que cheguei á terra querida, aquella onde fui buscar um lenitivo para a dór que com frenesi me opprimia, estuguei-me em dirigir-me a casa da pessoa a quem estas pobres linhas dedico.

Ao longe... no principio da rua, ouvi uns sonoros sons de um instrumento que se agitava e expandia n'um echo magestoso e encantador!...

Graças áquella que, possuidora d'um conhecimento extraordinario e incontestavel pericia o dedilhava com altivez e assombro!

Ao ouvir aquelles bellos e apreciaveis sons, parecia sentir uma soffucação inabalavel... um sentimento d'outr'ora!

Commovido por tão doce melodia, me fui approximando e... qual não foi o meu espanto, ao vêr que aquelle som se expandia justamente da casa em que eu ia entrar, e... quem cabalmente o dedilhava era a mesma a quem hoje me refiro... aquella, a quem por ennobrecimento de character, tributava e tributo um affecto immarcescivel... aquella, a quem nunca olvidarei!

Esperei um pouco para que terminasse a sua encantadora symphonia e fui justamente surprehendel-a quando estava prestes a levantar-se.

Houve entre nós uns sorrisos de contentamento e sentamo-nos para conversarmos sobre o fim que alli me levava.

Mais tarde, quando o sol já se escondia por entre o fusco borisonte, sai para tranquillisar o meu espirito!

Voltei d'ahi a algumas horas e sobre o leito me fui repousar.

*

Quando pela manhã acordo, sinto uns ruidos na porta da rua!

Levantei-me mui vagarosamente e fui ver então quem batia! Quem era?... a rapaziada da vespera chamando-me para darmos principio ao nosso — ideal.

Como se tratava d'um dever, fui forçado a acompanhá-los!

Seriam onze horas da manhã, pouco mais ou menos, tínhamos a nossa missão cumprida e, com tanta felicidade, que todos nós tiramos bom exito!

Acabaram-se, pois, todas as convulsões! Estavamos perfeitamente livres d'esse pesadêlo.

Em massa nos dirigimos ao telegrapho participando o que se passou. D'hi todos nós nos retiramos seguindo para esta terra, á excepção de um que ainda lá ficou.

Esse—um—fui eu!...

Não contente ainda, quiz apreciar melhor as melodias que tinha ouvido ha pouco!

E foi então... depois de tudo isto, que regressesil...

Oh! o quanto, n'aquelle momento, o meu coração latejava... o sentimento por aquella terra não se me apagava... mais se me aviventava no espirito!...

E, ainda hoje... não consigo esquecer o mez d'Agosto!...

Sois annos são já passados!...

Hors de la vue, hors du souvenir!...

Arcos.

J. J.

Guimarães, 25

A' classe medica, reunida em congresso, foi enviado o telegramma seguinte:

Nós, empregados do commercio em Guimarães, sequiosos d'humanidade, saudamos vosso congresso, exprimindo desejo elle se manifeste sobre a causa «Descanso Dominical».

João G. Teixeira
Antonio Carvalho
J. Cruz Figueiredo
Adelino Joaquim Neves
Manoel da Silva Leite
Manoel Joaquim Queiroz
Francisco Alves Nogueira.
Mario Pimenta Guimarães
Antonio Francisco Pereira de Castro

Carlos Ribeiro da Silva
Candido José Gonçalves
Antonio Freitas Pimenta Machado

Agostinho Lopes Martins
José Alves Ferreira Bastos
José Martins da Silva
Antonio de Sousa Guise
Arnaldo Guise
Albino Soares da Costa

—Encontra-se enfermo, na sua casa em S. Torquato, o meu presadissimo amigo e collega, Serafim Teixeira Araujo.

Do coração desejo as melhores horas do illustre collega.

Correspondente.

CARTA DE LISBOA

Teem estado os leitores de «A Fraternidade» privados de noticias da capital, mas nem por isso este valioso quinzenario tem deixado de sair interessante e bem escripto.

Tenho porém antes de mais nada penitenciar-me da grande falta, que tenho commettido, proveniente de muitos afazeres profissionaes, ainda accrescido com a falta de saude por vezes. Depois de relatados os obstaculos, que teem entravado a minha amisade e admiração pela «Fraternidade», eu espero que os amigos que formam o seu grupo proprietario me desculpem, e voltarei com a regularidade precisa — salvo caso de força maior — a enviar uma chronica quinzenaria, do que por aqui se passar de interessante e digno de menção.

A classe em Lisboa

Resumindo e procurando reconstituir a verdade dos factos, vou informar os meus caros collegas e leitores, do que por cá se tem passado.

Deve ainda estar na memoria de todos aquella celebre discussão de relatorio de 1904, em que vaidades espinhadas trouxeram á tela da discussão factos que melhor teria sido nunca se tivessem ventilado. Mas por que os deuses assim o quizeram, estabeleceu-se uma era de discordia e vergonhas, que fizeram abalar fortemente o baluarte mais forte que aqui existia — A Associação de Classe dos Caixeiros Portuguezes — Esse desmanchar de feira extraordinario trouxe, como facil é de prever, um grupo dissidente — que olhando só para a frente e não attendendo na rectaguarda — projectou a constituição de uma nova collectividade, que foi baptisada com todos os aparatos bellicos: «Gremio dos Empregados do Commercio». Fez esse grupo espalhar um manifesto acompanhado de um largo programma, que a logica e a experiencia dos factos lhe indicava ser impossivel cumprir, e só quem por alto o visse, e facciosamente o lêsse nutria a triste esperanza de que tal se podesse realizar.

Não triumphou, porque materialmente era impossivel triumphar. Mesmo não se poderia comprehender outra coisa, porque a mãe mantendo-se mal e a filha vivendo por assim dizer de esmolas, como era possivel que o neto quizesse viver na opulencia?

Só o entusiasmo do momento poderia alentar tal illusão!

Por estes factos, dia a dia se aggravava a vida interna das tres collectividades, e então em novembro do anno passado, da Comissão de Paz sahio a ideia de aproveitar alguma cousa d'esse desdobraimento tão pernicioso como mau para a classe, porque os de fóra clamavam: — «Como aquillo anda, que elles já não se entendem».

Odesmoronamento dos tempos avisinhava-se; e, então, os que deveriam estar até ao fim para com o seu conselho e prática orientar os novos e inexperientes, abandonaram tudo, pretextando melindres e deixando o grito de: «Salve-se quem pudér».

Então á custa de muitos esforços e com a melhor das intenções por parte de quem ainda no ultimo reducto e desorientados por completo, lançaram-se as bases da fuzão e realisou-se uma assemblea geral na sala da Associação dos Logistas de Lisboa, onde ficou estabelecida legalmente a fuzão e votando-se o titulo de Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa com a quota de 300 réis mensaes.

N'essa assemblea foi tambem eleita a comissão administradora composta de nove collegas, que foram Julio Silva, Joaquim Pinto Ramos, Manoel Elias da Silva, Antonio Bento Rodrigues, Luiz Pereira, Manoel Gil de Castro, Lourenço Corrêa Gomes, Manoel Lopes de Moraes, Manoel Moraes Pequeno, sendo feita a seguinte distribuição para os cargos effectivos:

Presidente, Julio Silva; vice-presidente, Joaquim Pinto Ramos; thesoureiro, Manoel Elias da Silva; 1.º secretario: Lourenço Corrêa Gomes; 2.º dito, Luiz Pereira; vogaes: Antonio Bento Rodrigues; Manoel Gil de Castro, Manoel Lopes de Moraes e Manoel Moraes Pequeno.

D'estes collegas um está demittido, e dois não teem comparecido ás reuniões, mas como subsiste a maioria, tem-se cuidado dos interesses internos da Associação e dos da classe em geral.

A comissão administrativa apesar de muitas difficuldades, que facilmente se comprehende, lhe trouxe a fuzão taes como os encargos que sóbem a 600\$000 réis, a paralisação da cobrança e irregularidade de moradas de socios, tem proseguido no cumprimento do encargo que lhe foi confiado, e asim tem resolvido:

Organisar um recenseamento dos socios, que compunham as tres collectividades, por ordem alphabetica:

Nomear dois membros para alugar uma casa para installar a nova e definitiva sede, sendo este assumpto tratado com o mais cuidadoso trabalho, para obedecer ás exigencias internas, para reabertura proxima das aulas;

Enviar officios de sentidas condolencias aos ministros do Brasil e França pelas horrosas catastrophes, que enlutaram aquelles paizes;

Enviar adhesão á Associação de Classe dos Compositores Typographicos ás manifestações promovidas e a promover pelo horrivel desastre de Courrières;

Participar ás illustres congeneres da sua constituição; Notificar aos crédores as tancias devidas e nota-

das nos inventarios das extincas aggremações; e

Instar junto da Comissão do Descanso da Zona do Sul para a entrega da representação na proxima abertura do parlamento.

Eleições

Devem realisar-se no proximo domingo, 29, as eleições para deputados, sendo de esperar, que os candidatos republicanos mais uma vez sejam roubados.

Congresso de medicina

Lisboa no actual momento veste de gala.

No seu ceio encerra os illustres medicos estrangeiros, que vieram representar os seus paizes, e que se encontram agradavelmente impressionados pela excellente recepção que lhes foi feita.

Portugal, que se sente orgulhoso pela realisação do XV congresso de medicina na sua capital, saúda sinceramente a sciencia n'elle hospedada.

Registo

Acaba de chegar do norte o nosso amigo Silva Rego, empregado da casa Callado & Moraes, Successores.

24-4-906.

João Ricco.

Ruidos do Vez

V

Eis chegado o momento — rapazes — de nos unir-mos e reclamarmos mais uma vez o dever sacratissimo, justo e indispensavel que ha já vinte e tantos annos vimos impetrando do governo.

E' incontestavelmente um dever por o qual os altos poderes muito se deveriam interessar; mas, infelizmente parece que os nossos rogos não são por elles ouvidos!...

Uma, duas, dez, vinte, trinta vezes nos temos dirigido aos srs. governantes; porém até hoje nada visto!

E' horrivel ver assim soffrer uma clase inteira!...

Que isto estivesse ao cargo de espiritos ignorantes, nescios ou desconhecedores da necessidade que ha em impetralo para bem da hygiene, do bem estar pessoal e da boa regularisação do paiz inteiro, poderia tolerar-se; mas estando nas mãos d'esses portentosos estadistas que compõe o ministerio, d'esses para quem não ha difficuldades, d'esses que tudo resolvem, d'esses espiritos sensatos e comprehendedores dos deveres que a religião manda que se cumpra, não pôde haver desculpas!

Torna-se o momento propicio para bradarmos bem alto, n'um vivo som entusiasta, pelo dever que ha muito vimos reclamando!...

Portanto, lealissimos confrades, energia para avançarmos, intrepidez para a lucta, e união como base principal de tudo!...

Não recuar, cumprir fielmente o dever de — caixeiros — e nada mais.

—«O descanso dominical» — ha-de vir; talvez até muito breve.

A' frente do nosso paiz, á frente do nosso povo, á frente de tudo emfim, esta o almejado e portentoso ministro ex^{mo} sr. conselheiro Hintze Ribeiro!

E' elle quem nos salvaguardará!...

E' elle quem nos acobertará com a sua protecção!...

E' elle quem nos ha-de offerter o que tanto antojamos!...

Negocios importantissimos o não deixam talvez por emquanto occupar-se com a nossa causa, mas certos estamos que não nos lançará ao despreso!

Nunca perder as esperanças!...

A nobre classe a que pertencemos conta hoje no nosso—Portugal—com a força de **vinte a vinte e cinco mil caixeiros.**

Não seria este numero o bastante para, depois de todos unidos reclarmos, com altivez—«o descanso dominical»?

E', com certeza, ninguem o duvida.

Ora sendo então a nossa classe a mais importante, a que maior numero de soldados dispõe, a mais instruida, a mais necessaria e a que mais interesse dá ao paiz inteiro, tambem será bom que a oigam, que ella seja attendida, que a não lancem ao despreso, que a elevem e lhe deem as garantias precisas e lhe façam **justiça** nas supplicas que ha tantos annos vem dirigindo áquelles que estão possuidores das redeas da nação portugueza, que a não deixem mais tempo presa n'esse captivo infame, n'essa prisão infernal que para d'ella saírem terão que arrastar com muitos sacrificios!

Luz!... Luz que é o raio illuminativo da instrucção!

Por Deus, não nos deixem perecer nas trevas.....

Abram-nos este abysmo profundo para vermos a luz da Liberdade! Um direito a que todos teem jus, por todos deve ser gosado; não deve haver excepções!

Portanto haja luz e liberdade para os **escravos do balcão** e toda a nossa lucta será frustrada!...

E' preciso reagir e não recuar!...

E' preciso que haja uma lei igual para todos!

Em verdade qual a razão por que o trabalhador do commercio, luctando dia e noite, ha-de ver o seu esforço deprimido e não usufrue regalias iguaes ás dos empregados officiaes? Palavras do dr. Joaquim Fernandes.

A' «Luz do Commercio» as minhas felicitações pelo novo correspondente em Arcos. Segundo me consta é o novo correspondente um rapaz dotado de boas qualidades, um espirito sensato e possuidor de um intellecto distincto capaz de desempenhar cabalmente o cargo que lhe imputaram.

Ao novo correspondente pois, um abraço de leal camaradagem.

Arcos, 25-4-906.

Magalhães Junior.

Penafiel, 25

Partidario convicto da confraternização da classe, pois que só uma perfeita identificação de ideias e aspirações pôde conseguir o chegar-se ao fim que pretende alcançar-se,—o descanso dominical, é apenas essa convicção que me leva a escrever estas despretenciosas cartas, e outro não poderia ser o meu intento visto como é certo que esta terra não abunda em assumptos que possam despertar interesse.

Posto isto, dir-lhes-hei, usando do direito que me assiste de poder livremente expandir a minha opinião, que conquanto partidario acerrimo de um dia semanal de descanso não só como medida hygienica, mas tambem como poderoso auxiliar da instrucção, não sou todavia de uma intransigencia tal que deseje implantada de um momento para o outro uma medida de tão grande alcance humanitario. Sou, permittam-me o termo, um evolucionista, crendo que caminhando-se devagar e pensadamente, deve alcançar-se mais tardiamente é verdade, mas mais sympathica e efficazmente o que desejamos.

Assim aqui em Penafiel, cidade essencialmente commercial, onde ha um crescido numero de negociantes que concede liberdade aos seus empregados aos Domingos, havendo tambem um menor numero que se mostra refractario a essa concessão, quer por ventura isto dizer que nos insurjamos contra elles? Não, não quer. Isto seria remedio que nada remediará, parecendo-me preferivel convencer-os por meio de jornaes da classe, onde pennas abalisadas lhes demonstrassem a razão e justiça das nossas aspirações. Declamações ha muitas; razões justificativas poucas.

Digo convencer-os por meio de jornaes da classe; mas objectar-me-hão: mas como, se elles os não lêem? Talvez os lessem, creio mesmo que os leriam, se elles lhes fossem enviados gratuitamente, o que facilmente poderia fazer-se, desde que os caixeiros de uns poucos de concelhos limitrophes fossem assignantes de um mesmo jornal, o que dando a este uma situação desafogada, permittiria que elle fosse enviado a este ou áquelle negociante mais obediente ás antigas formulas, e refractario ás ideias do progresso.

A ideia poderá não ser aproveitavel, mas evidentemente ella é exequivel, e d'esta forma poderíamos contar que viria um dia em que se conseguiria quasi espontaneamente, aquillo que á força nunca poderá conseguir-se em absoluto, visto que o terreno ainda não foi convenientemente desbravado e semeado, para que a colheita seja remuneradora; e seria então essa a occasião opportuna para a publicação de uma lei que regulasse conveniente esse serviço, applicando o devido correctivo ao rolmeiro que ainda assim e apesar de tudo não estivesse convencido de que o corpo humano é uma machina que precisa ser convenientemente tra-

tada para produzir o maximo de trabalho util.

Até breve.

Seolas.

Aguilhoadas

A proposito de um pensamento

No ultimo numero do jornal onde escrevo vinha um pensamento de João de Sousa.

Para entrar no assumpto traçado em mira, seja-me permittido reproduzir-o:

Se todos os caixeiros fossem coherentes e compridores das ideias que por vezes manifestam, o triumpho da sua causa seria já um facto.

Assim é. E' tudo palavreados e... poucas obras. E' tudo ideias e poucos factos.

Ha multissimo pouca coherencia nos palradores da classe.

Quantas vezes nós temos lido e ouvido dizer que precisamos de caminhar com energia e com grande tenacidade, a reclamar o que nos pertence! E após a pronuncia de palavras tão decisivas e tão cheias de calor, o que presenciámos?—Os que escutam o orador, badem palmas e pronunciam—*bravos!*

O orador prosegue. Volta a ser energico e a dizer á classe que é preciso reclamar e não pedir. Novos applausos se ouvem na sala. Parece, n'estes momentos, que todos os caixeiros assistentes estão dispostos a irem até á reclamação energica e intransigente e, até, se preciso fôra, até á greve geral!

O orador parece ter-se convencido de que as suas palavras produzirão incitamentos.

Mas o engano, tão puro como a agua, desenrola-se logo e vê-se o quadro:—palavras... apoiados sem sentimento!

Se tudo se fizesse de harmonia com as palavras que se proferem, onde iríamos já nós?—Teríamos já triumphado.

Porém, de entre todos os escriptores e de entre todos os falladores da classe, apenas dez por cento é que estarão de harmonia com o que escrevem e dizem, dispondo-se a cumprir as ideias que apresentam.

Eis o asserto do pensamento do director de «A Fraternidade».

Do meu calendario

O teu olhar desleal,
Corações queima por gosto.
Vou chama-lo ao tribunal,
Por crime de fogo posto.

Aguilhão.

Povoa de Varzim, 24:

(Particular)

Li, com o maior prazer, na «Fraternidade» de 15 do corrente, a grata noticia de assumir o logar de correspondente, n'esta villa o meu sympathico collega João Pereira de Campos, em substituição do brilhante defensor da causa dos caixeiros Frasco Junior.

Sem tentar desmerecer os elevados meritos jornalisticos de Frasco Junior, cuja penna scintillante tantas vezes abrilhantou as columnas de «A Fraternidade», tenho o gratissimo prazer de denunciar aos leitores d'este jornal a magnifica acquisição que acaba de fazer, conseguindo um tão brilhante collaborador.

Pereira de Campos, alma d'élite, o prototypo da bondade, reúne ao mesmo tempo os raros predicados de observador consciencioso, d'esses raros que sabem copiar *d'après la nature*, todos os factos que á sua vista se desenrolam. E quem lhe contemplar a sua fronte altiva, o seu olhar penetrante, doce e meigo, a sua farta cabelleira de um preto ébano, não deixará de exclamar:—

«Como André Chaniér, n'esse craneo augusto alguma cousa tens».

Só, pensativo, lá o vemos sempre contemplando á beira-mar o sol poente, embebido nos encantos d'essa paisagem grandiosa tão cantada pelos nossos mais insignes poetas.

Desviado da convivencia alacre dos moços seus contemporaneos, vergando sempre ao peso de uma ideia que o preoccupa extraordinariamente—a imancipação da classe dos caixeiros—dir-se-ha um d'esses raros crentes, que morrem como os antigos martyrs pela causa que defendem.

Modesto, de uma austeridade que encanta na sua idade juvenil, intelligente e sabedor, Pereira de Campos attrahe e fascina logo á primeira vista aquelles que o desconhecem e que teem a ventura de lhe ser apresentados.

E é por isso que em toda a parte onde elle apparece todos o recebem com o carinho e affecto que se recebe um homem—d'esses raros que não teem inimigos.

Parabens, pois, a este jornal pela honra que vai ter em contar no numero dos seus collaboradores Pereira de Campos.

Um assignante e collega.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.^{mo} Sr.

Demisio

21-1-1
14/10
21/1